



# A Importância da Arte na Educação Infantil Inclusiva

Madelene do Vale Martins<sup>1</sup>, Rebecca Seabra de Oliveira<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Faculdade de Letras/Universidade Federal de Minas Gerais, [madelene.martins@gmail.com](mailto:madelene.martins@gmail.com)

<sup>2</sup>Faculdade de Letras/Universidade Federal de Minas Gerais, [seabra.rebecca@gmail.com](mailto:seabra.rebecca@gmail.com)

**Resumo:** Pretende-se discutir a importância das Artes na educação inclusiva, como um processo de mudança e adaptação do ambiente para acolhimento dos indivíduos com deficiência. Mostramos como o ensino das Artes coopera para inserir crianças com deficiência na sociedade, quebrando o paradigma do raciocínio lógico-matemático, e favorece o desenvolvimento infantil para a formação individual, estimulando a criatividade, imaginação e sensibilidade. A análise baseia-se em pesquisa bibliográfica, inclusive a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e as recomendações referenciais do Ministério da Educação.

**Palavras-chave:** Educação, Inclusão, Artes

## 1. Introdução

Uma vez que a proposta inclusiva abrange indivíduos que apresentam características diferenciadas daqueles reconhecidos como regulares na sociedade - características que implicam, na maioria massiva dos casos, defasagem no aprendizado, socialização e desempenho físico ou intelectual -, torna-se inviável traçar o percurso educacional da maneira convencional com que se constrói a formação de alunos não-portadores de quaisquer deficiências notórias. Por isso, especialmente na educação infantil, é necessário fornecer aos alunos estímulos de diferentes ordens e formatos que lhes permitam compreender e expressar sua própria percepção de mundo. Para tanto, as artes são uma ferramenta fundamental e necessária. Por serem tão versáteis, são aplicáveis tanto em ambiente escolar quanto doméstico ou social; as atividades podem ser direcionadas ou livres, sua execução pode ser consciente ou inconsciente e, especialmente, abrangem inúmeras capacidades individuais e traduzem as mais diversas facetas da individualidade.

Assim sendo, o presente artigo mostra como as artes, em seus recortes musical,



visual, teatral, artesanal e redacional, atuam consolidando a inclusão social e educacional de infantes portadores de deficiências.

## 2. Dos Fatos

### 2.1 A Criança

Considerando o contrato implícito que determina o que se deve esperar de um cidadão, desde sua conduta ética e moral até os objetivos que deve cumprir em sua vida, delega-se aos adultos, especialmente dentro da escola e da família, a responsabilidade de fornecer à criança os meios e estímulos para tornar-se um cidadão saudavelmente integrante de diversos contextos. Com isso, é necessária uma considerável atenção aos indicadores que a criança possa emitir acerca de suas tendências sociais, tais como inclinação à violência, à repressão ou à incomunicabilidade. Posta essa importância, o educador deve estar ciente de que a perda dos mais sutis desses sinais pode acarretar consequências danosas ao convívio social do infante, tanto imediatas quanto futuras.

Valiosa a esse propósito, a expressão artística permite à criança externar a maneira como percebe o mundo que a circunda, fornecendo ao educador devidamente analítico uma fonte de informação preciosa - pois reveladora de aspectos que a criança consegue controlar em momentos menos intensos ou sensíveis - a respeito do estado de espírito e dos fundamentos da personalidade em formação da criança, podendo diagnosticar pontos frágeis a serem manejados, como possíveis casos de violência domiciliar ou ocasionais dificuldades em exercer determinadas tarefas, como as que contam com a coordenação motora ou a própria expressividade do íntimo.

*A Arte está presente no cotidiano da vida infantil. Ao rabiscar e desenhar no chão, na areia e nos muros, ao utilizar materiais encontrados ao acaso (gravetos, pedras, carvão), ao pintar os objetos e até mesmo seu próprio corpo, a criança pode utilizar-se das linguagens da arte para expressar experiências sensíveis. (BRASIL, 1998, p. 85).*

Muito além do diagnóstico terceirizado de problemas, a arte torna possível à própria



criança encarar a maneira como percebe seu universo de forma analítica, e lhe propõe o desafio de materializar suas sensações e percepções através de seus próprios esforços. Com isso, a criança passa pelo processo de autoconhecimento e de reconhecimento e compreensão de sua relação com o mundo.

## 2.2 O Deficiente e o Educador

Assim como qualquer criança, aquela deficiente apresenta as mesmas necessidades mencionadas anteriormente, porém, algumas podem ser acentuadas por sua condição e, de modo geral, requerem atenção especial por parte de seus tutores e supervisores, em especial, nesse caso, dos educadores. (JANNUZZI, 2006). A eles, atribui-se o planejamento e direcionamento das práticas de atividades artísticas, tendo em vista objetivos específicos. Ainda que a arte seja *gratia sui*, encontrando sua finalidade em si mesma, a sua aplicação na educação, especialmente infantil inclusiva, deve servir a um fim cuidadosamente determinado, e deve ser articulada para tal.

A arte pode ser trabalhada como um veículo prazeroso de aprendizado, mas não mera recreação. A título de exemplificação do direcionamento do estímulo a propostas específicas, é possível mencionar, a oportunidade de que todos os alunos representem personagens previamente definidos de expressões pitorescas em forma teatral para que percebam que excentricidades não apenas são corriqueiras como estão presentes em todos os indivíduos, não somente os deficientes. Outro exemplo seria a proposta de que os alunos representassem, utilizando tinta, o presente dia. Partindo disso, é necessário ter em mente que a criança deve consumir e executar a arte tanto de forma consciente como inconsciente, bem como livre e guiada. Assim, faz-se possível dar espaço para que o aluno se exponha ao mundo exterior, mas também lhe provê lições específicas e o prepara para encarar diferentes tipos de situações. A liberdade conduzida dessas atividades artísticas facilita a indução da comunicação e interatividade para que os alunos portadores e não portadores de deficiências tornem-se capazes de conviver entre si e interagir uns com os outros em pé de igualdade, respeitando as possíveis diferenças.



Por isso, a expressividade e a interação permitidas pela arte são fundamentais na inclusão do infante deficiente, pois se trata da construção de uma ponte que o permita ultrapassar o mal do estigma social e atravessar suas dificuldades, que jamais devem ser tratadas como impossibilidades.

### 2.3 As Artes e o Ensino

As artes, em suas manifestações musical, visual, artesanal, teatral e, em especial, redacional, se mostram de extrema importância para a consolidação da inclusão social e educacional de crianças portadoras de deficiências.

O contato dos infantes com diferentes instrumentos musicais estimula o desenvolvimento das habilidades motoras, contribuindo para aprimoramento das habilidades rítmicas e noção de espaço. Ademais, a música também tem o potencial de estimular a interação social entre os alunos, através de atividades coletivas, tais como cantigas de roda e corais (LEMOS, 2011).

As artes visuais também auxiliam no desenvolvimento das habilidades motoras, porém, seu maior mérito é a capacidade de estimular a criatividade e estabelecer uma linguagem que permita a comunicação das crianças, especialmente aquelas deficientes. Crianças portadoras de deficiência comumente apresentam dificuldades de se comunicarem através da linguagem oral. Dessa forma, a atividade artística se mostra como alternativa para que essas crianças interajam com os outros alunos, com os professores e mesmo com os pais, permitindo transferir para o papel, através de desenhos ou mesmo pelas cores utilizadas, os pensamentos e sentimentos do infante (CANTO et al., 2013).

O teatro também apresenta poderoso potencial inclusivo, por ser uma arte que exige “a mobilização da atenção, memória, percepção espacial e corporal, expressividade, criatividade e imaginação” (OMAR, 2015). Vale dizer, a arte teatral, ao estimular áreas cognitivas e motoras, amplia o horizonte das crianças com deficiência, tornando-as mais aptas a interagir com as pessoas e com o ambiente ao seu redor, auxiliando, assim, na sua formação enquanto seres humanos.



## 2.4 Literatura e redação

Mesmo considerando a utilidade de atividades lúdicas e recreativas convencionais, não se pode negligenciar a importância da construção de crianças consumidoras de literatura. No entanto, oferecer aos alunos propostas literárias carregadas de obrigatoriedade é um desserviço a esse propósito, pois faz com que as crianças estejam cada vez mais avessas e indispostas a ler livros e textos. Além da abordagem leve, é fundamental a escolha cuidadosa das obras, priorizando aquelas que envolvam sua proposta educativa em um formato leve e agradável à leitura das crianças, impedindo, assim, que tanto a alfabetização quanto a solidificação do hábito de leitura ocorram de maneira acertada e imperceptível nos pupilos.

Especialmente para a criança deficiente, é imprescindível a adesão de atividades literárias em seu cronograma escolar. Isso faz com que o indivíduo trabalhe em suas capacidades intelectuais antecipadamente, de maneira profilática e adiantada, uma vez que atrasos cognitivos e sociais ignorados na infância se tornam obstáculos grandes e sólidos demais para serem transpostos na adolescência. Em especial, é necessário envolver as crianças em atividades literárias a fim de superar o estigma da erudição e complexidade que motiva muitos professores e pedagogos a pouparem o aluno deficiente desse desafio, intensificando a errônea divisão intelectual e social entre o portador e o não portador de deficiência mental.

Para além do consumo de literatura, é preciso ousar e prover aos alunos a oportunidade de se expressarem de forma escrita, não apenas de maneira formal e redacional, mas artística. Atividades como escrita livre, narração de histórias e redação poética, devidamente adaptadas às capacidades infantis. Além de familiarizar os alunos com a literatura, esse estímulo, faltoso na educação básica, contribuirá para a formação de futuros adultos engajados literariamente e de uma possível sociedade mais escritora, tratando essa vertente da arte em questão menos como um tabu e mais como uma forma de expressão natural do ser humano.

## 3. Conclusão

Diante de todo o exposto, conclui-se que a inserção das artes, em suas variadas



formas, no ambiente educacional é de suma importância para o desenvolvimento das crianças no geral, e daquelas com deficiência em particular, uma vez que exercem papel fundamental no desenvolvimento cognitivo, social, relacional, motor e tangente à autoaceitação. Ademais, as práticas artísticas promovem a inclusão das crianças com deficiência nos ambientes em que convivem, provendo-lhes ferramentas que as auxiliam na comunicação com as pessoas, tanto para compreenderem, a si e aos outros, quanto para serem compreendidas.

## Referências

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil*. Brasília, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. *Adaptações Curriculares em Ação: Declaração de Salamanca: Recomendações para a construção de uma escola inclusiva/ Secretaria de Educação Especial*. Brasília: MEC/SEEP, 2002

CANTO, F. S. G. Y. do; BRITO, M. C.; DIAS, C. L. A Importância das Linguagens Artísticas no Desenvolvimento Infantil. *Coloquium Humanarum*, Presidente Prudente, v. 10, n. Especial, Jul-Dez, 2013, p. 705-711.

JANNUZZI, G. R. de. *A educação do deficiente no Brasil: dos primórdios ao início do século XXI*. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2006.

LEMONS, C; SILVA, L. R. A Música como uma Prática Inclusiva na Educação. *Revista do Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Musicoterapia*, Curitiba, v. 2, Jul, 2011, p. 32-46.

OMAR, A. C. da S. Teatro e Deficiência: em busca de uma metodologia inclusiva. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE TECNOLOGIA NA EDUCAÇÃO, 13., 2015, Olinda.

SILVA, E. A.; SCARABELLI, L.; OLIVEIRA, F. R.; COSTA, M. L. O.; OLIVEIRA, S. B. *Fazendo arte para aprender: A importância das artes visuais no ato educativo*. *Pedagogia em ação*, v.2, n.2, p. 1-117, nov. 2010.